



ANO IV — Julho de 1976 — N.º 79
BIMESTRAL (1.º Domingo) — AVENÇA

Director e Prop.: P.º M. Baptista de Sousa - Telef. 89291
Administração: Residência Paroquial - Esposende

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIP. CAMÕES - Póvoa do Varzim

Notas Biográficas



P.º António M. M. Marques Henriques

O neo-presbítero António Manuel Meira Marques Henriques nasceu nesta vila de Esposende às 8,30 horas do dia 16 de Fevereiro de 1947. É o filho primogénito do exemplar casal António Baptista Marques Henriques e D. Júlia Maria Meira.

Fora baptizado na nossa igreja Matriz pelo saudoso Monsenhor Pedrosa aos 2 de Março de 1947, tendo por padrinho o seu avô paterno, Artur Marques Henriques, e por madrinha a sua avó materna, Maria Júlia Meira.

Depois de ter frequentado a catequese paroquial e a escola primária de Esposende, após o exame de 4.ª classe, ingressara no Colégio da Companhia de Jesus, em Cernache — Coimbra, no ano de 1958. Neste Colégio recebeu o Sacramento do Crisma, ou Confirmação, aos 10-7-1960, tendo por padrinho Luis

(Continua na pág. 2)

Estou a um mês da minha ordenação e há pessoas que me dizem ainda: «Que pena! És simpático demais para seres padre!». E «com os estudos que tens poderias conseguir uma carreira brilhante!». Outros atrevem-se a dizer-me «Não aguentas o celibato ... Os padres continuam a sair e a casar-se!» ...

Se eu baseasse a minha decisão naquilo que os outros me dizem, então não me decidiria nunca. Iguamente, se eu avaliasse apenas as minhas capacidades pessoais, daria em esquizofrênico. Aquilo que me leva a ser padre hoje é resultado de uma vida

SER PADRE HOJE

dedicada a um ideal que nunca me desiludiu. Ser padre para mim é a razão de ser da minha vida. Nunca consegui imaginar ser outra coisa senão padre. As pessoas puramente racionais talvez não vejam nisto muito sentido! ...

Como nasceu em mim esta ideia? Como é que tudo isto começou?

Cada um é influenciado pela infância e pelo ambiente de educação que recebeu nos primeiros anos de vida. Estou convencido que a minha vocação lançou raízes nesse tempo. Quando eu era pequeno, alguém na minha família me ensinou a conhecer Deus. Em minha casa aprendi a falar com o Senhor e a acreditar Nele.

Quando eu era pequeno, havia também em Esposende uma pessoa que indirectamente influenciou a minha vida — O Senhor Arcipreste. Este homem era um notável sacerdote, inteiramente dedicado à sua paróquia e ao seu povo. Ele era extremamente amável e bondoso. Falava com muita alma e cativava particularmente os pequenos. A sua catequese, principalmente aos domingos, era um verdadeiro atractivo para nós. As suas palavras comunicavam vida e o evangelho vinha directo ao coração de todos. Pois foi este homem que imprimiu em mim a primeira imagem de padre. Ele causava-me admiração. Ao vê-lo nas ruas de Esposende eu, como outros, corria ao seu encontro para lhe pedir a bênção. Por causa dele, eu corria para a igreja sempre que o sino tocava. Com ele aprendi a ajudar a Missa, a assistir a baptizados — para ver como ele fazia. Gostava de me confessar a ele porque sempre que regressava vinha profundamente consolado. Sentia-me, pois, inconscientemente atraído a ser padre como ele!

Nesse tempo, os estudantes jesuítas costumavam passar as férias de verão no Chalet Viana. Andava eu na 4.ª classe quando um grupo deles foi à escola fazer «propaganda» do Colégio de Cernache. Fiquei tão entusiasmado com a descrição daquele colégio que resolvi pedir aos meus pais para ir estudar para

(Continua na pág. 2)

SER PADRE HOJE

(cont. da pág. 1)

lá. A ideia parecia utópica — ir para um colégio de jesuitas, bastante caro, e em Coimbra! Economicamente parecia impossível, pois o meu pai era, ao tempo, um simples «chauffeur» de taxi! Apesar de todas estas dificuldades, os meus pais que sempre respeitaram a minha liberdade, deixaram-me ir. Deus lhes tenha pago este sacrifício!

Passsei anos felizes da minha vida em Cernache. Este colégio era uma experiência nova e recente na formação de rapazes, sobretudo daqueles que porventura queriam ser padres. Senti muito a amizade dos superiores, a extrema dedicação de muitos professores, e grande experiência de camaradagem. Gozei sempre de bastante liberdade, raramente me sentindo oprimido pelas estruturas do colégio; talvez por isso nunca me sentira psicologicamente seminarista.

Durante os anos em que estudei tanto em Cernache como nas Caldinhas fui gradualmente moldado pela educação e formação espiritual dos jesuitas. Alguns padres exerceram particular influência na minha vida. Eu procurava imitá-los ou assemelhar-me à sua maneira de ser. Uns ajudaram-me a desenvolver-me humanamente, outros ajudaram-me a crescer na fé; uns aproximaram-me mais de Cristo, outros deram-me um conhecimento maior da Igreja. A pouco e pouco, comeci a ser um pequeno jesuíta também, sem pretender, contudo, ser um «santinho» entre os meus colegas.

Como me sentia bastante atraído por esta «vocação» decidi entrar no noviciado da Companhia de Jesus, em Soutelo. Ingénuo ainda, mas cheio de boa vontade, dei entrada nos jesuitas aos 17 anos. Ninguém me forçara a tomar esta decisão! Coincidira a minha entrada no noviciado com o começo do Concílio Vaticano II.

Se eu continuasse a contar toda a minha evolução humana e espiritual, desde que entrei até hoje, teria que narrar inúmeras histórias e encher muitas páginas. Prefiro expressar aquilo que foi importante para o amadurecimento da minha vocação.

Toda a minha vida de jovem jesuíta foi um processo de assimilação do espírito do Vaticano II e do espírito de S. Inácio de Lolola. O concílio iria provocar uma viragem na Igreja e a renovação da vida religiosa. Eu acolhia de braços abertos tudo o que vinha renovar a Companhia de Jesus para a adaptar às exigências dos homens de hoje. Juntamente com os companheiros da minha geração sempre lutei por abolir tudo o que é pompa e exagero na maneira de ser dos jesuitas. Pessoalmente apenas aderi àquilo que me parecia essencial. Como Inácio de Lolola que procurava conhecer sempre internamente Cristo para cada vez mais O amar e O seguir, também eu nos momentos mais decisivos da minha vida procurava sentir Cristo dentro de mim. Tal como Inácio que perguntava a si próprio muitas vezes: «Que fiz eu por Cristo? Que faço eu por Cristo? Que farei eu por

*Teu coração transforma em viva chama
De amor a Cristo e amor à Sua Grei:
E agora vai — Novo Jesus — inflama,
Conquista o mundo para Cristo-Rei!*

(Dr. F. Fontes)

AOS LEITORES

Este número é integralmente dedicado ao P. António Marques Henriques. No mês de Agosto publicaremos novo boletim, onde serão tratados os assuntos habituais: movimento religioso, noticiário, Capela de S. João etc.

Cristo?», também eu procurava pedir e sentir internamente esse ímpeto. Tal como Inácio que pedira à Virgem Maria « que o pusesse junto de seu filho» para se sentir Seu companheiro na missão de promover a fé, para construir um mundo cada vez mais humano e mais divino, também ao longo dos anos pedi a Cristo que me fizesse sentir ser Seu companheiro, para O seguir como os apóstolos na entrega total ao serviço da sua Missão.

A pouco e pouco esta atracção por Cristo cresceu e desenvolveu-se em mim. Durante anos da minha longa carreira, em que houve «sobressaltos», «dúvidas» e «crises», considero a coisa mais válida da minha vida o ter conhecido CRISTO. Igualmente, considero como o maior dom da minha vida o ter FÉ. Agradeço, por isso, de todo o coração, a todos quantos me ensinaram a rezar, me comunicaram a Fé, e me ajudaram a amar Cristo. Eu quero livremente dar aos outros, como padre, aquilo que livremente recebi de Deus e dos outros. Quero comunicar a todos aquilo que recebi dos educadores, dos companheiros, dos amigos, dos superiores, dos livros — Cristo.

Depois de tantos anos de formação, depois de tantos contactos humanos por toda a parte, depois de ter conhecido e experimentado quase tudo, considero como a coisa mais válida da minha vida o sentir-me cativado por Cristo. É muito difícil descrever por palavras o que é a vocação. Encontro, porém, a explicação toda NESTA PESSOA.

Ser padre é ser capaz de o escolher só a Ele, ser escolhido por Ele, sentir-se feliz com Ele, para O conhecer e comunicar. Ele tem sido para mim a única realidade que me convence, apesar de outras realidades que me têm «atraído» e «tentado»!

Louvado o Senhor por me ter dado, aos vinte e nove anos, a graça de O servir.

ANTÓNIO MANUEL

Notas Biográficas

(Continuado da pág. 1)

Jorge Morais. Ai concluiu o 3.º ano de estudos preparatórios ou humanísticos, tendo feito o 4.º e 5.º anos no Instituto Nun'Alvares ou Colégio das Caldinhas — Santo Tirso.

Seguidamente, durante dois anos (1963 - 65) frequentou o Noviciado no Seminário da Torre, em Soutelo — Vila Verde, cuja Capela agora escolhera para a sua ordenação sacerdotal.

Vieram depois os cinco anos de estudos clássicos e filosóficos (1965 - 70) na Faculdade Pontifícia de Filosofia, de Braga, terminando com uma brilhante licenciatura.

Passou, então, durante três anos (1970 - 73) a exercer a magistério no Colégio das Caldinhas — Santo Tirso.

Finalmente, nos últimos três anos (1973 - 76) frequentou o Instituto Milltown Park, em Dublin — Irlanda, concluído o bacharelato em Sagrada Teologia. Fora aí, que no dia 2 de Abril do ano corrente, recebeu o diaconado.

Por último, a ordenação sacerdotal conferida pelo Senhor Arcebispo Primaz, aos 17 de Julho do ano corrente e a Missa Nova no dia 25 do mesmo mês.

Eis uma síntese biográfica do único sacerdote da vila de Esposende nos últimos cem anos.

Oralá que esta vida de doação sem reservas, plena de juventude e de verdadeiro amor, seja um incentivo para tantos jovens que poderiam segui-lo no mesmo ideal.

Sacerdotes Naturais de Esposende

Neste número, dedicado ao novo sacerdote de Esposende, achamos bem publicar uma lista de sacerdotes naturais desta vila, a fim de que todos possam compreender melhor um tal acontecimento.

Esta paróquia da vila de Esposende, desmembrada de Marinhãs, foi criada por D. Frei Bartolomeu dos Mártires pelo ano de 1560. Os livros de registo paroquial, mais antigos, existentes no Arquivo Distrital de Braga, datam de 1641, e neles, o primeiro sacerdote natural de Esposende, é o P. Simão de Araújo, falecido em 1658.

Assim ficamos informados que, em épocas passadas, esta vila jora palco de muitas vocações sacerdotais.

Dividimos a presente lista em duas partes: os que são certamente naturais de Esposende, e os que, embora sepultados nesta vila, oferecem algumas dúvidas e necessitam duma investigação mais aturada acerca da sua naturalidade

I — CERTOS

P. Simão de Araújo, cura de Castelo do Neiva, veio a enterrar na Igreja de Esposende, donde era natural. Faleceu aos 6-11-1658;

P. Manuel de Senra, sepultado na Matriz e falecido em 24-3-1714;

P. João de Moraes, coadjutor desta Igreja, natural e morador nesta vila, falecido em 11-8-1714;

P. Sebastião de Vilas Boas, vigário de Portela Suzã, natural desta vila, falecido em 27-8-1714;

P. Manuel Barbosa Pereira, falecido em 12-11-1717;

P. Francisco Pereira Ramos, falecido em 8-8-1720;

P. Feliciano Bravo de Carvalho, falecido em 17-11-1723;

P. João Carvalho, falecido em 1-1-1728;

P. Manuel André Praça, que tinha ido para a Baía de Todos os Santos, falecido em 26-11-1737;

P. Custódio de Vilas Boas Pereira, sepultado na Capela da Misericórdia e falecido aos 16-10-1832;

P. João Damasceno Pereira, da rua da Misericórdia desta vila de Esposende, sepultado na Capela da Misericórdia e falecido aos 30-9-1833;

P. Luís de Vilas Boas Pereira, sepultado na Igreja Matriz, falecido aos 8-6-1835;

P. Luís António da Silva Pinto e Castro, residente na rua da Ferraria, falecido aos 26-1-1865;

P. Pedro Paulino de Faria, residente na rua da Ferraria, falecido aos 15-9-1876;

P. Carlos Maria de Passos Pereira Maciel, falecido aos 2-9-1899;

Monsenhor Luís Augusto Rodrigues Viana, célebre pelas suas virtudes, e no campo das letras, director espiritual do Seminário do Porto;

P. Dr. António Manuel Maria Marques Henriques.

II — COM DÚVIDAS

Abade Manuel Barros Pereira, «*usafrutudrio de Cambezes — Valença e se enterrou com a Confraria do Santissimo*», tendo falecido aos 17-8-1646;

Abade Calisto Pereira de Barros falecido em 20-7-1658 no Castelo de Braga e veio no mesmo dia a enterrar na Igreja de Esposende;

P. Manuel Furtado, falecido em 12-1-1659;

P. Manuel Ribeiro Mourão, falecido em 16-11-1672;

P. Gonçalo Ribeiro Mourão, falecido na sua quinta de Tregosa, em 15-10-1676;

P. Baltazar Fernandes Vilas Boas, falecido aos 16-2-1677;

P. Francisco de Vilas Boas, falecido em 11-9-1680.

P. João Barbosa Maciel, falecido em 29-7-1681;

Nota: devia ser natural porque, tendo falecido em Lisboa, o assento diz que chegaram «*novas*» dessa morte a esta vila.

P. Paulo Monteiro, sepultado na Igreja da Misericórdia e falecido em 16-12-1685;

P. João Vieira Maciel, vigário desta vila, sepul-

tado na Capela-Mor da Matriz, falecido em 17-2-1685;

P. Pedro de Vilas Boas, sepultado na Misericórdia, falecido em 24-12-1692;

P. Miguel de Barros, sepultado na Matriz, falecido em 19-12-1702;

P. António Ribeiro Vilas Boas, sepultado nesta vila e falecido em Góios aos 29-6-1706;

P. Belchior Pereira Ribeiro, falecido em 18-3-1707;

P. Calisto Manuel, sepultado na Misericórdia, falecido em 14-10-1719;

P. Pedro de Alpoim Coelho da Silva, abade de Cambezes e assistente nesta vila, onde faleceu aos 2-4-1722;

P. Paulo de Moraes, sepultado na Capela-Mor da Misericórdia e falecido aos 4-9-1723;

P. Manuel de Vilas Boas, sepultado na Misericórdia, falecido aos 11-5-1724;

P. Manuel Caminha, falecido aos 21-2-1728;

P. Inácio Gonçalves Ferreira, vigário nesta vila, sepultado na Capela-Mor da Igreja Matriz, e falecido aos 20-11-1731;

P. Manuel Moraes Malheiro, sepultado na Misericórdia, falecido aos 1-3-1737;

P. Manuel Pedro de Vilas Boas Pereira, bacharel em Sagrados Cânones pela Universidade de Coimbra, pároco aposentado nesta vila, sepultado na Misericórdia e falecido aos 18-1-1813;

P. José de Abreu Figueiredo Lobato, falecido aos 9-11-1820;

P. Manuel da Cunha Freitas, sepultado na Capela da Misericórdia e falecido aos 20-9-1825;

P. Manuel Francisco da Torre, falecido aos 22-9-1851, sepultado na Igreja Matriz;

P. José Veloso de Miranda Ferreira Matos, sepultado no cemitério desta vila, falecido aos 19-1-1859.

Párcos de Esposende

1642 — Simão de Araújo, coadjuvado por Martins Alves Ferreira e Calisto de Barros;

1657 — Gonçalo Ribeiro Mourão, cura;

1658 — Domingos Gomes Ferreira, cura;

1664 — Manuel Casado, cura;

1680 — João Vieira Maciel, cura, depois vigário;

1686 — Domingos da Rocha, encomendado;

1689 — João Gonçalves, cura;

1693 — Inácio Ferreira, vigário, tendo João Menezes como cura;

1721 — Custódio de Faria, coadjutor;

1722 — Manuel Fernandes Azurar, vigário com os coadjutores Manuel Pereira Valadares, João Pereira e Félix Barbosa Vagado;

1757 — Manuel Velho da Costa, vigário coadjuvado por Félix Barbosa Vagado;

1771 — Miguel Carlos de Abreu e Macedo, vigário;

1780 — Manuel Pedro de Vilas Boas Pereira, encomendado;

1804 — Custódio José de Faria, encomendado;

1834 — Francisco Gonçalves Fidalgo, encomendado;

1836 — José Veloso Miranda Ferreira Matos, encomendado depois pároco;

1846 — Pedro Paulino de Faria, encomendado;

1848 — Manuel Francisco da Torre, encomendado;

1852 — Manuel Rodrigues de Areias, encomendado;

1861 — Carlos Maria de Passos Pereira Maciel, encomendado;

1896 — Gonçalo Lourenço Cardoso Viana, prior de Fão que não chegou a tomar posse;

— Cónego Francisco Alves Morgado;

— José António Ferreira;

1897 — Francisco Martins Giesteira;

1900 — Manuel Martins Giesteira;

— Manuel Sá Pereira;

1904 — Américo da Costa Nilo, pároco colado;

1911 — Eduardo Boaventura Rêgo;

1916 — Francisco Dias Cubelo Soares, encarregado;

— José Manuel de Sousa;

1917 — Adelino Maria Lopes Pedrosa;

1962 — Domingos Fernandes de Macedo;

1965 — João Porto Soares;

1967 — Manuel Baptista de Sousa (desde 10-9-1967).

Viver é servir

Toda a vida é um serviço. Vivemos para servir uma causa mediante a qual somos úteis a alguém e assim nos tornamos valiosos. Todo o homem deve gastar a sua vida em proveito do bem particular e comum, antepondo este ao primeiro, e procurando, desta forma, deixar a sociedade melhor do que a encontrou.

Passando deste campo meramente humano ao campo espiritual e cristão, reconhecemos que vivemos para servir a Deus neste mundo, trabalhando pelo bem pessoal e de toda a família cristã.

Todo o homem que se une a Cristo tem de entender a vida como um serviço aos homens.

Desde o baptismo, sacramento que nos fez cristãos, que pesa sobre todos nós o dever grave de trabalhar pelo bem de Deus e pela expansão do seu Reino. Cristão que não é apóstolo é apóstata, é traidor.

Além deste título de apostolado, fundamentado na nossa filiação divina e inserção na família cristã pelo baptismo, podemos receber a missão especial do apostolado pela recepção do sacramento da ordem. *Ide por todo o mundo ... pregai o evangelho a todas as criaturas ... baptisai-as ...* são as palavras do Salvador ao despedir-se dos seus apóstolos, conferindo-lhes a missão de fazer cristandade. A sua vida será uma imolação pela causa de Deus. Não receiam a cruz, porque o discípulo não é mais do que o Mestre. Sabem que os espera o sofrimento — pois são lenha seca — e que vão *como cordeiros para o meio dos lobos*. O espírito de serviço aos outros tem como respectivo fundamento o espírito de sacrifício. Esta é a base de toda a formação social.

A vida dos arautos do Evangelho, mensageiros da paz, da verdade e do amor é, pois, um serviço. Todos servimos a alguém: a Deus ou ao demónio. Servimos a Deus quer no matrimónio quer na vida consagrada, ou até solteiros e no mundo. Tudo é servir a Deus, tal como o soldado enfermeiro, fuzileiro, aviador ou sentinela serve a sua Pátria.

Os servidores do demónio buscam a todo o transe lançar o pânico e a desordem, a demoralização e a ruína, nas fileiras das milícias de Cristo: os sacerdotes. Ferido o pastor as ovelhas dispersar-se-ão. A volta da figura incompreendida do padre o mundo divide-se. O padre é sinal de contradição. A sua simples presença faz irritar a uns e consola a outros. E porque existem num país cristão tantos

preconceitos anticlericais, tanta maledicência acerca dos ministros de Deus? — Porque muitos, consciente ou inconscientemente servem o demónio.

Apesar de tudo é necessário que homens se dêem a Cristo. Não podemos permitir que ao nosso lado apareçam gerações de homens entregues exclusivamente às suas próprias coisas. O amor actualiza-se na doação a outra pessoa. *O amor só sabe dizer «tu», ou se não o sabe, é egoísta e mudo, violento e triste*. Todos os bens e talentos recebemo-los de Deus para serem postos aos pés do próximo.

O padre é o homem que se dá a Deus como ministro, e aos outros homens como pai e irmão.

Termino com as palavras de Escrivá: «na tua obra de apostolado, não temas os inimigos de fora, por maior que seja o seu poder. — Este é o inimigo terrível: a tua falta de «fraternidade».

*Ah! ... Sabei amigos meus,
Ser padre é isto somente.
Não ser de si nem dos seus,
Para ser de toda a gente.*

Assim, rezam os Pais

Senhor!

Pensamos continuamente naquela passagem do Evangelho que nos recorda a Vossa Apresentação no Templo, feita por Vossa Mãe Santíssima e por S. José.

A luz desta cena evangélica aparece-nos com um sentido novo e mais profundo a entrega que Vos fizemos do nosso filho, que no Seminário se preparou para o sacerdócio. Quantas graças Vos damos, Senhor, pelo terdes vindo escolher ao nosso lar e por ele ser generoso convosco! Em breve subirá os degraus do altar para Vos oferecer ao Pai Eterno. Ajudai-o a progredir e a fortalecer-se na virtude a fim de que no dia da ordenação sacerdotal o encontreis como hóstia pura e agradável e seja de verdade outro Cristo.

Senhor! Bem conheceis as preocupações, trabalhos e sacrifícios sem conta que por ele suportamos com alegria e amor. Como recompensa por tudo isso, desejamos apenas que ele seja sacerdote segundo o Vosso Sagrado Coração.

Abençoai-o pela vida fora, Senhor, e que Vossa Mãe Santíssima e S. José velem por ele como velaram por nós.

*Sacerdote — Deus num homem
Todo feito homem de Deus,
P'ra trazer os céus à terra
P'ra elevar a terra aos céus.*